

Artigo:

# Escrita como um campo: veredas políticas de resistência e luta



RAMOS, W. T.

**Waldenilson Teixeira Ramos**

Mestrando, Universidade Federal Fluminense (UFF),  
[waldenilsonramos@id.uff.br](mailto:waldenilsonramos@id.uff.br)

## Resumo:

Este artigo apresenta o pré-projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), na linha de investigação "Subjetividade, Política e Exclusão Social". Intitulado "Escrita como campo de disputa dissidente: as urgências na cena pública em um Brasil cooptado pelas produções de aniquilamento das diferenças", o projeto foi incluído no programa de pós-graduação em Psicologia em 2023 e aprovado sob a orientação do Doutor e Professor Danichi Hausen Mizoguchi, como requisito para a realização do curso de Mestrado. A investigação em andamento busca explorar a escrita como dispositivo de resistência e produção de subjetividades dissidentes em um cenário sociopolítico marcado por práticas sistemáticas de exclusão e silenciamento. Neste manuscrito, serão apresentados os objetivos, as questões-problemas, a justificativa, a relevância e a metodologia adotada no estudo. Além de divulgar o processo investigativo, o manuscrito busca funcionar como um registro reflexivo sobre as etapas e os desafios da pesquisa, contribuindo para a produção de conhecimento crítico no campo das ciências humanas e sociais.

**Palavras-chave:** Política, Luta antimanicomial, Sociedade, Ética.

**Cadernos de InterPesquisas**  
*Edicare et Sabere, Curitiba, Brasil*  
e-ISSN: 2965-3134  
Periodicidade: Fluxo Contínuo  
v.3, 2025

URL: <https://esabere.com/index.php/cadips>



Este trabalho está sob Licença Creative Commons 4.0 Internacional  
Copyright (c) do(s) Autor(es)

RAMOS, W. T.. Escrita como um campo: veredas políticas de resistência e luta. **Cadernos de InterPesquisas**, Curitiba, v.3, p.01-16, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14984644>

## INTRODUÇÃO

Este manuscrito apresenta o projeto de pesquisa intitulado “Escrita como campo de disputa dissidente: as urgências na cena pública em um Brasil cooptado pelas produções de aniquilamento das diferenças” . Este pré-projeto foi incorporado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, no ano de 2023, sob orientação do Professor Doutor Danichi Hausen Mizoguchi. Trata-se de uma proposta investigativa indispensável para a formação no curso de Mestrado, prevendo a execução de suas etapas nos próximos dois anos, culminando na apresentação de uma dissertação.

A pesquisa problematiza questões centrais para a Psicologia Social Crítica, estruturando-se em torno da tríade corpo, escrita e democracia. Além disso, este manuscrito apresenta uma carta de apresentação que acompanha o projeto, destacando as conexões entre a proposta e o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF, além de exigir a solicitação de vaga no curso de Mestrado. A pesquisa enfatiza a dimensão ética e crítica da Psicologia e suas interfaces com a contemporaneidade, articulando reflexões sobre práticas sociais, narrativas e subjetividades em tempos de profundas exclusões.

Walter Benjamin (2012), em seu ensaio “Experiência e pobreza” , traz à tona os declínios históricos da capacidade de narrar, evidenciando a perda da transmissibilidade de experiências e as implicações dessa condição. Suas reflexões oferecem subsídios para a análise das condições de compartilhamento de histórias, do papel da experiência na vida humana e do potencial político do ato narrativo. Da mesma forma, Conceição Evaristo (2019), linguista e escritora brasileira, conhecedora do conceito de escritavência , que marca as situações históricas e políticas que atravessam sua produção literária. Segundo Oliveira (2009, p. 622), a escritavência é

compreendida como “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”, sendo, portanto, uma prática que integra vivência, invenção e resistência.

As contribuições de Benjamin e Evaristo fomentam reflexões éticas e políticas essenciais, tais como: qual é o papel político da escrita como ferramenta para a transmissibilidade de histórias em um mundo de experiências em declínio? Quais condições e dinâmicas contemporâneas viabilizam ou impossibilitam a transmissão de determinadas experiências? Estas questões são cruciais para este projeto, que se ancora na análise de uma conjuntura política marcada por forças de aniquilamento das diferenças – como fascismo, racismo, capacitismo, misoginia, bolsonarismo, entre outras formas de violência.

Diante deste contexto, o manuscrito apresenta questões políticas e éticas relacionadas às possibilidades de experiência na contemporaneidade, abordando as dinâmicas de exclusão social e sua articulação com as subjetividades dissidentes.

## DIREÇÃO DE INSTRUMENTALIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O filósofo francês Gilles Deleuze (1997), em seu texto “Literatura e vida” , oferece reflexões fundamentais sobre a escrita como uma prática ética e política, considerando enquanto função de transmissibilidade do vivível, movimento de invenção e resistência. Sua tese sobre a escrita e a literatura propõe um plano de subjetividade que escapa ao óbvio, configurando-se como um ato de cuidado e criação. Deleuze (1997, p. 13) reforça essa perspectiva ao afirmar: “Por isso o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo.” .

Num contexto atravessado por forças de silenciamento e eliminação das diferenças, a escrita, quando dotada de poder, pode se constituir como um gesto de vida na esfera pública. Mais do que uma ferramenta de comunicação, ela emerge como um espaço de subjetivação que possibilita a expressão de diferenças, interativa

como um movimento de diferenciação e resistência. Deleuze também desafia a visão reducionista da escrita como mera tecnologia comunicativa, argumentando que esta se configura como um movimento de performance da vida, produtora de vivível, força inventiva:

Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga. Para isso é preciso que a linguagem não seja um sistema homogêneo, mas um desequilíbrio, sempre heterogêneo: o estilo cava nelas diferenças de potenciais entre as quais alguma coisa pode passar, surgir um clarão que sai da própria linguagem, fazendo-nos ver e pensar o que permanecia na sombra em torno das palavras, entidades cuja existência mal suspeitávamos (Deleuze, 2013, p. 180).

Por outro lado, estudiosos contemporâneos como o filósofo Henry Bugalho (2020) e o historiador Michel Gherman (2022) aprofundam o debate ao denunciar o estado atual de violência política, ódio e ataque às experiências e às vidas minoritárias no Brasil. No livro “Minha especialidade é matar: como o bolsonarismo tomou conta do Brasil” , Bugalho (2020) evidencia, ponto a ponto, como o bolsonarismo utiliza uma tecnologia estética para legitimar o aniquilamento da diferença, propagando repúdio às experiências minoritárias na esfera pública. Gherman (2022), em sua análise, sugere que a crise institucional brasileira é, antes de tudo, uma crise estética – localizada no plano político da linguagem e dos afetos.

Nesse cenário, impõe-se uma tarefa ética e democrática de luta pela vida e pela multiplicidade da experiência humana. Tanto Bugalho quanto Gherman, em suas análises, dialogam com a perspectiva de Walter Benjamin (2012), ao evidenciar como as tecnologias de ódio e exclusão resultam na perda da capacidade social de narrar histórias alternativas. Essa convergência aponta para a urgência de uma ação que resgate a transmissibilidade da experiência e a resistência criativa frente às forças de destruição.

## BOLSONARISMO ENQUANTO MÁQUINA ESTÉTICA DE ÓDIO

Compreender o bolsonarismo como um efeito de um projeto político de ódio no Brasil possibilita analisar uma conjuntura que opera tanto em termos macropolíticos quanto micropolíticos. Esse aspecto se articula por meio de uma tecnologia discursiva e, principalmente, estética. A difusão do ressentimento e do desejo de aniquilação da diferença configura uma política de contaminação que expõe, acima de tudo, uma crise de natureza estética. Conforme aponta Gherman (2022), a estética bolsonarista é arrebatadora, mobilizando paixões e promovendo repúdio às diferenças.

A força dessa tecnologia estética manifesta-se, entre outros aspectos, na propagação de violência simbólica e discursiva. A jornalista Patrícia Campos Mello (2020) relata, em sua obra “A Máquina do Ódio: notas de um repórter sobre fake news e violência digital” , como foi afetada pessoalmente por essa dinâmica. Segundo o autor, o bolsonarismo opera por meio de um aparato de desinformação e violência que mobiliza estéticas e narrativas específicas para silenciar vozes dissidentes e reforçar o discurso de ódio. No livro, A MÁQUINA DO ÓDIO: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital, Mello descreve:

O vídeo se chama “Jornalista da Folha.”.

Uma prostituta se aproxima de um carro e se debruça na janela do passageiro para abordar o motorista.

“Bora se divertir, gato?”, ela diz.

“Quanto é que você está cobrando?”, o motorista pergunta.

“Depende do que você quiser, meu amor.”

“Você faz serviço completo?”

“Experimenta, depois você me fala.”

“Tá ótimo... eu só preciso de um furo... um furinho pra mim tá bom.”

“Eu tenho três, meu amor, escolhe o que você quiser.”

“Sou eu que escolho, é, sua safada?”

“É... Fala aí, qual dos furos você vai querer, hein?”

“Eu quero um furo de reportagem, sua safada...Um furinho bem gostoso... Você só manipula notícia ou você também cria notícia falsa do zero? Uma outra coisa que eu também estou precisando é de uma fonte falsa, aquela que inventa história mesmo e se for preciso ela até vai depor se for intimada.”

A prostituta faz cara de ofendida.

“Como é que é?”

“Furo de reportagem, fake news, quanto é que você está cobrando?”

“Eu não faço esse tipo de coisa.”

“Você não é jornalista da Folha?”

A prostituta fica ultrajada.

“Do que é que você me chamou?”

“Jornalista da Folha.”

“Olha aqui, eu sou prostituta, seu babaca. Jornalista da Folha? Era só o que me faltava. O meu trabalho é um trabalho digno, eu não destruo a vida das pessoas! Serviço completo, né? Agora eu estou entendendo, serviço completo. Eu faço, sim, serviço completo, mas isso eu não faço, porque eu tenho dignidade, seu idiota! Sai daqui!”

(Mello, 2020, p. 75 - 76).

O campo virtual tornou-se um espaço central para a ocupação e propagação de ideias de extrema direita no Brasil, configurando-se como uma lógica discursiva que opera tanto no plano afetivo quanto no plano afetivo. Essa disputa pode ser compreendida como uma luta pela "alma do Brasil", conforme argumenta Wolf (2018). A análise de Patrícia Campos Mello (2020) evidencia como a linguagem, enquanto tecnologia discursiva e estética, é empregada para promover a desumanização e legitimar a aniquilação de sujeitos, tanto em contextos físicos quanto virtuais – espaços imanentes dos afetos.

Um jornalista expõe como a racionalidade patriarcal molda os discursos que a desqualificaram, revelando uma misoginia estrutural. A acusação de que ela seria alguém de quem “uma prostituta se envergonharia” denuncia a lógica opressora que submete os atos sexuais femininos a juízos morais desumanizadores. Essa racionalidade não apenas perpetua opressões, mas é performatizada de forma

sofisticada em produções audiovisuais que mobilizam a tecnologia estética bolsonarista, capturando o imaginário de milhões de brasileiros.

Trata-se de uma crise estética, definida aqui como o uso deturpado da arte e da comunicação para a difusão de discursos de ódio. De acordo com Adorno (2020), o bolsonarismo pode ser simplesmente como uma matriz formal da indústria cultural brasileira contemporânea, estruturada na repetição de práticas de exclusão e no reforço de estéticas violentas. No campo virtual, a extrema direita encontrou um ambiente propício para alinhar o plano estético ao virtual, utilizando a internet como um mecanismo de contágio que se propaga de forma molecular, em um espaço onde a ausência de regulamentação e ainda garantias de direitos torna o processo mais eficiente.

Nesse cenário, o bolsonarismo se revela como uma força de massificação e de aniquilamento de subjetividades, autorizada e normalizada por sua lógica de reprodução cultural. Como Campos Mello (2020) relata:

Em fevereiro de 2020, várias imagens ofensivas como esse vídeo começaram a circular nas redes sociais. Em uma delas, uma mulher aparece nua, de pernas abertas, em cima de uma pilha de notas de dólar. Em outra, o rosto dessa mesma mulher aparece com a legenda: “Folha da Puta — tudo por um furo, você quer o meu? Patrícia, Prostituta da Folha de S.Paulo — troco sexo por informações sobre Bolsonaro”. E tem uma em que essa mulher — sempre a mesma — aparece com a frase: “Ofereço o cuzinho em troca de informação sobre o governo Bozo” (Mello, 2020, p. 78).

A análise evidencia a necessidade de investigar criticamente como as tecnologias discursivas e estéticas são mobilizadas para sustentar projetos de ódio, promovendo a exclusão e reforçando desigualdades estruturais.

Linguagem e estética: armas poderosas amplamente utilizadas pela extrema direita no Brasil. A apropriação da linguagem estética como instrumento para a obtenção de capital político e a mobilização de paixões foi superada por Marcia

Tiburi (2019) como Psicopoder . Enquanto técnica de racionalidade, o uso e abuso do Psicopoder no Brasil apresenta-se como uma questão central para a Psicologia Social Crítica. Este projeto de pesquisa problematiza a estilística bolsonarista, compreendendo-a como uma técnica de aniquilamento da diferença que se articula por meio da lógica do Psicopoder.

Mais do que um reflexo do político Jair Bolsonaro, a estética bolsonarista é entendida como uma força política autônoma que transcende o indivíduo, configurando-se como uma análise de processos sociopolíticos e culturais mais amplos. Essa dinâmica levanta questões urgentes para as subjetividades contemporâneas brasileiras, envolvendo dimensões políticas, éticas e estéticas. A propagação dessa força política está diretamente associada a processos de exclusão social e aniquilamento de corpos dissidentes, tornando-se, assim, um objeto de análise prioritário para este estudo.

Diante desse contexto, surge o desafio de trazer à cena pública outras narrativas, especialmente aquelas que dão visibilidade às experiências minoritárias no cenário político brasileiro. Autores como Conceição Evaristo, Walter Benjamin e Gilles Deleuze oferecem reflexões cruciais sobre as múltiplas funções da escrita e da literatura, que podem indicar caminhos para contornar o declínio da experiência e sua transmissibilidade.

Este projeto toma a escrita como um campo possível de subjetivação e manifestação de subjetividades dissidentes. Nesse sentido, formule as seguintes questões centrais: qual é o papel da literatura frente às máquinas de aniquilação da diferença? A escrita pode ser uma ferramenta de disputa democrática em outro plano? Ela pode possibilitar que outras subjetividades ocupem o espaço na cena pública? Frente ao desligamento e à impossibilidade de modos de subjetivação, teria a escrita a função de viabilizar que experiências dissidentes alcancem outros territórios e instâncias de disputa?

Esses questionamentos configuraram os impasses e os eixos centrais de reflexão deste projeto de pesquisa, propondo uma análise crítica sobre o papel da escrita e da literatura na contemporaneidade como práticas de resistência e produção de novas subjetividades.

## APRESENTAÇÃO DE PROJETO: FLUXO CONTÍNUO DE PESQUISA, FORMAÇÃO E DESEJO

Este projeto de pesquisa representa a continuidade de um movimento de investigação e curiosidade desenvolvido ao longo de mais de cinco anos. Seu ponto de partida foi para a Universidade Federal Fluminense (UFF), onde, por meio da participação em dois núcleos de pesquisa no Departamento de Psicologia, foi possível articular conceitos como genealogia moderna, democracia, escrita, ética e Psicologia Social Crítica.

Entre 2018 e o presente, a participação no grupo de pesquisa “Da subjetividade à coragem: modulações da verdade nos últimos cursos de Foucault” , orientada pelo professor Danichi Hausen Mizoguchi, foi fundamental para o desenvolvimento de reflexões sobre democracia e o papel da enunciação na cena política. De 2019 a 2022, a atuação no grupo de pesquisa “Políticas e Poéticas da Transmissibilidade em Psicologia Social” , sob a orientação do professor Marcelo Santana Ferreira, trouxe à tona a multiplicidade da escrita, explorando seus processos de subjetivação e sua função como tecnologia de transmissibilidade.

A convergência dessas experiências culminou na elaboração do trabalho de conclusão de curso intitulado “Por uma escrita imunda: as sujeiras e as (in)pregnâncias da vida no gesto literário” (Ramos, 2023), hoje publicado como livro. Atualmente, essas forças investigativas se articulam para fomentar questionamentos sobre o papel da escrita na esfera pública, explorando sua potencialidade como máquina de guerra e instrumento de resistência.

Este projeto pode ser compreendido como uma manifestação de resistência diante das forças de apagamento e exclusão de corpos dissidentes na conjuntura macro e micropolítica brasileira. Além disso, ele reflete um desejo pulsante, moldado ao longo de uma trajetória formativa e sustentada pela reafirmação de um inconsciente protestante.

A elaboração deste manuscrito ecoa o alinhamento encontrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF, especificamente na linha de pesquisa “Subjetividade, Política e Exclusão Social”. Compreendendo a subjetividade como contida por dinâmicas históricas, políticas e culturais, esta linha de pesquisa fornece uma base sólida para investigar as condições contemporâneas que permitem a emergência de subjetividades dissidentes na esfera pública.

Em colaboração com o Programa de Pós-Graduação, este projeto reforça o compromisso crítico e ético com a produção de conhecimento no campo da Psicologia no Brasil, propondo análises e intervenções que respondam aos desafios políticos e sociais do nosso tempo.

## **LIMIAR EPISTEMOLÓGICO: PERSPECTIVA TEÓRICA-METODOLÓGICA E POSIÇÃO POLÍTICA**

Este projeto de pesquisa adota uma perspectiva transdisciplinar, articulando profundamente três dimensões: clínica, arte e política (Passos, 2019). Essa abordagem compreende a subjetividade humana a partir de uma concepção histórica, enfatizando seus entrelaços políticos e territoriais. Em sua versão inicial, o projeto se insere nessa linha transdisciplinar, propondo que as disputas por escritos dissidentes e a inclusão de narrativas alternativas revelam interfaces fundamentais entre clínica, arte e política. Dessa forma, reafirma-se o compromisso da Psicologia Social transdisciplinar com as manifestações de experiências dissidentes na cena pública,

especialmente em um Brasil marcado por práticas sistemáticas de aniquilamento das diferenças.

A emergência do bolsonarismo no Brasil instaura novos paradigmas que reconfiguram urgências no território brasileiro, afetando todas as disciplinas comprometidas com os direitos humanos e a democracia. Nesse contexto, as implicações para as artes, a clínica e a política tornam-se evidentes, consolidando uma perspectiva transdisciplinar como uma aliada deste projeto de pesquisa.

Partindo dos compromissos ético-políticos reforçados pela Psicologia, este projeto propõe a tecnologia da escrita como um objeto central de reflexão e de resistência. A escrita, estudada como prática política, não apenas contribui para a emergência de subjetividades dissidentes, mas também desafia as forças que buscam apagá-las.

Assim, o escopo teórico transdisciplinar percorre as transversalidades da temática abordada, sustentando uma reflexão que conecta história, política e literatura. Este projeto se alinha à formulação de uma questão central: qual é o papel histórico e político do gesto literário na contemporaneidade, especialmente frente às forças de exclusão e silenciamento?

## RESISTÊNCIAS QUE NOS ANTECEDEM

A professora e pesquisadora Beatriz Adura Martins (2017) aborda questões fundamentais sobre as narrativas de corpos travestis na cena pública brasileira e o papel político intrínseco ao ato de contar as histórias dessa população. Sua publicação, “Por uma escrita dos restos: o encontro entre a psicologia e os assassinatos de travestis” (Martins, 2017), contribui significativamente para este debate, evidenciando os processos de extermínio vivenciados por essa população, tanto no plano material quanto no simbólico e subjetivo.

Em 2019, o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia publicaram a obra “Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs” (Conselho, 2019), uma coletânea de narrativas de corpos LGBTQIA+. Este trabalho não apenas denuncia as diversas formas de violência dirigidas a essas pessoas, mas também coloca suas histórias no centro da cena pública, enfrentando os mecanismos de marginalização e apagamento que historicamente os afetam. A obra reforça a urgência de forças de combate que promovam o silenciamento e a exclusão, reiterando o compromisso ético de uma Psicologia brasileira crítica, controlada à defesa dos direitos humanos.

As contribuições de Beatriz Martins e a iniciativa dos Conselhos de Psicologia ilustram uma postura política que dialoga diretamente com os objetivos deste projeto de pesquisa, situando-se no mesmo campo de disputa por narrativas dissidentes. Esses esforços se inserem em uma perspectiva da Psicologia Social Crítica que valoriza a pluralidade humana e a multiplicidade das experiências, posicionando-se contra o silenciamento e a exclusão.

A literatura crítica existente, cada qual em seu campo de atuação, vem evidenciando e combatendo as forças que promovem o apagamento e a exclusão social de narrativas dissidentes. Este projeto alinha-se a esse movimento, ampliando o debate e reafirmando a necessidade de práticas que garantam visibilidade e respeito às diferenças na esfera pública.

## OS (DES)CAMINHOS DE PESQUISA

Este projeto de pesquisa se desdobra sobre si mesmo, assumindo a escrita como método de investigação e ferramenta essencial na oficina do pensamento. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura que, por meio do gesto da escrita, convoca reflexões e produz modificações. A questão central da pesquisa indaga sobre a função das escritas de corpos dissidentes que, imbuídas de uma perspectiva crítica

sobre o mundo, buscam ocupar o espaço na cena pública. Nesse sentido, este projeto propõe a leitura e a escrita como métodos de investigação, compreendendo sua força enquanto práticas que promovem transformação.

Essa abordagem está alinhada à ideia de Walter Benjamin (1996), que identifica na escrita a capacidade de provocar "as modificações mais profundas" (p. 149). Benjamin critica o que denomina de "mau escritor", aquele que tenta reduzir a escrita a um esforço racional ou que busca expressar mais do que pensa, cultivando a clareza e a sensibilidade como virtudes supremas. Em contraste, o filósofo sugere uma pista metodológica poderosa: a concepção da escrita como um movimento reflexivo e modificador, que ultrapassa a mera transmissão de pensamentos e se configura como um ato de subjetivação.

Esse gesto metodológico pode ser entendido como uma espécie de "metaescrita", na qual a prática da escrita se torna simultaneamente objeto e ferramenta de pesquisa, promovendo um movimento de autotransformação – ou, como ideias chamar, uma prática de "pesquisação". Não se trata de um método que objetiva a expansão da razão por meio da escrita, mas de uma abordagem que permite à escrita realizar mudanças em quem escreve, ao mesmo tempo em que mobiliza novas perspectivas sobre o mundo. Como afirma Benjamin (1996):

Foucault nunca encarou a escritura como um objetivo, como um fim. É exatamente isso que faz dele um grande escritor, que coloca no que escreve uma alegria cada vez maior, um riso cada vez mais evidente. Divina comédia das punições: é um direito elementar do leitor ficar fascinado até as gargalhadas diante de tantas invenções perversas, tantos discursos cínicos, tantos horrores minuciosos. Dos aparelhos antimasturbatórios para crianças até os mecanismos das prisões para adultos, toda uma cadeia se exhibe, suscitando risos inesperados que a vergonha, o sofrimento ou a morte não conseguem calar. Os carrascos riem raramente, ou então o seu riso é diferente (Deleuze, 2013, p. 33).

Este projeto, portanto, incorpora a escrita como um processo ativo de investigação e reflexão, reafirmando seu poder como ferramenta crítica e modificando no campo das subjetividades dissidentes.

Alinhado à perspectiva teórico-metodológica empregada neste projeto, Walter Benjamin, assim como Conceição Evaristo (2019) e Gilles Deleuze (1997), emerge como uma referência central para investigar e aprofundar o pensamento sobre uma escrita crítica – uma escrita que protesta, corta e transformar. Nesse sentido, a proposta de investigar, refletir e compartilhar análises sobre o que pode ser entendido como uma escrita-bisturi torna-se um dos alvos deste projeto.

As contribuições de Benjamin, em diálogo com outras abordagens da Filosofia da Diferença, oferecem pistas metodológicas valiosas para trilhar esse caminho. Essas perspectivas não apenas sustentam a reflexão sobre a escrita como prática crítica, mas também se posicionam como uma ferramenta de resistência e reinvenção no enfrentamento das forças de apagamento e silenciamento na contemporaneidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto propõe tomar o gesto da escrita como um instrumento de luta na cena pública, voltado para a divulgação de experiências dissidentes no contexto brasileiro e para o enfrentamento das forças de aniquilamento da diferença. Nesse percurso, pensadores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Conceição Evaristo oferecem princípios fundamentais para sustentar a reflexão crítica.

Na entrevista intitulada “O Belo Perigo” (2016), Foucault explora sua relação íntima com a escrita, discutindo seu papel como um corte preciso, elaborado a um bisturi. Deleuze, por sua vez, em seu ensaio “Literatura e Vida” (1997), analisa as profundas conexões entre literatura e ontologia, destacando a escrita como um espaço de criação e resistência. Já Conceição Evaristo, em “Becos da Memória” (2019), realiza uma performance literária que incorpora o conceito de escritavência, por meio

do qual as vivências negras e marginalizadas são escritas no campo da literatura como resistência.

A revisão sistemática da literatura que orienta este projeto concentra-se, a priori, nos trabalhos desses três autores, considerando o caráter crítico e dissidente presente em suas produções. Essas perspectivas configuram-se como o campo central de investigação deste pré-projeto, reforçando a relevância da escrita enquanto prática de resistência e reinvenção no enfrentamento das dinâmicas de exclusão contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Escritos autobiográficos**. 1. ed. Teresa Rocha Barco, Madrid: Alianza Editorial, 1996.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1. Obras escolhidas.

BOTTON, Alain de. **Como Proust pode mudar sua vida**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS DO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs**. Brasília-DF, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 1. ed. São Paulo: 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. 3. ed. São Paulo: 34, 2013.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

- FONSECA, Tania Mara Galli. **Modos de trabalhar, modos de subjetivar como práticas sociais**. In: ARANTES, Esther Maria M., NASCIMENTO, Maria Livia e FONSECA, Tania Mara Galli. **Práticas PSI inventando a vida**. Niterói: EdUFF, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **O belo perigo**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- GHERMAN, Michel. **O não Judeu Judeu**. 1. ed. São Paulo: Fósforo, 2022.
- MARTINS, Beatriz Adura, **Por uma Escrita dos Restos: o encontro entre a psicologia e os assassinatos de travestis**. 1. ed. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.
- MELLO, Patrícia. **A MÁQUINA DO ÓDIO: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em Becos da memória de Conceição Evaristo. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 17, n. 2, p. 621-623, Aug. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2009000200019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 Mar. 2020.
- PASSOS, Eduardo. **Psicologia, pesquisa cartográfica e transversalidade**. Rev. Polis Psique, Porto Alegre , v. 9, n. spe, p. 128-139, 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X201900040009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X201900040009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 27 abr. 2023.
- RAMOS, Waldenilson Teixeira. **Por Uma Escrita Imunda: as sujeiras e as (in)pregnâncias da vida no gesto literário**. 1. ed. Belo Horizonte: Sunny, 2022.
- TIBURI, Marica. **DELÍRIO DO PODER: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- WOLF, Eduardo. "Luta pela alma do Brasil", **grifos meus**. Revista Veja [site], 30 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yy9z6z88>>. Último acesso em 31 de outubro de 2023.